

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ISRAEL BONIEK GONÇALVES

**CUIDADO E PROVIDÊNCIA. A DILIGÊNCIA DE DEUS MANIFESTA ATRAVÉS DA
METÁFORA BÍBLICA DO PASTOR DE OVELHAS**

São Leopoldo

2017

ISRAEL BONIEK GONÇALVES

CUIDADO E PROVIDÊNCIA. A DILIGÊNCIA DE DEUS MANIFESTA ATRAVÉS DA
METÁFORA BÍBLICA DO PASTOR DE OVELHAS

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e ensino da
Bíblia.

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635c Gonçalves, Israel Boniek
Cuidado e providência : a diligência de Deus manifesta através da metáfora bíblica do pastor de ovelhas / Israel Boniek Gonçalves; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
61 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Teologia pastoral – Ensino bíblico. 2. Clero – Ministério. 3. Cuidado pastoral. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ISRAEL BONIEK GONÇALVES

CUIDADO E PROVIDÊNCIA. A DILIGÊNCIA DE DEUS MANIFESTA ATRAVÉS DA
METÁFORA BÍBLICA DO PASTOR DE OVELHAS

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e ensino da
Bíblia.

Data:

Prof. Ms. Verner Hoefelmann

Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela manifestação de seu cuidado em todos os momentos da minha vida. Agradeço a meus pais, que me educaram na fé em Jesus. Agradeço à minha esposa, sempre presente e me apoiando, ao meu filho, que trouxe muita alegria à minha vida, aos professores e funcionários da Faculdade EST, que fizeram parte deste trabalho e com os quais convivi e partilhei saberes e amizades. Agradeço ao orientador, Prof. Verner Hoefelmann, pelo apoio e estímulo. Agradeço a todos os amigos e amigas, pelo carinho e amizade.

RESUMO

O trabalho traz uma abordagem acerca do ministério pastoral e os desafios para a contemporaneidade. A partir de pesquisa bibliográfica, trata das metáforas bíblicas sobre a liderança e, especificamente, sobre o pastor. Destaca conceitos-chave da Bíblia que permitem traçar o perfil do pastor enquanto líder, além de compreender a função ministerial. Reflete-se sobre o ministério pastoral a partir das figuras bíblicas no Antigo e Novo Testamentos. No Antigo Testamento aponta-se para a figura do pastor em cada um de seus blocos – Livros Históricos, Livros Proféticos e Livros Poéticos. A intenção é a de verificar como a figura do pastor do povo de Israel perpassa nas Escrituras. No Novo Testamento a atenção especial é dada ao próprio Cristo como o pastor por excelência, o pastor de ovelhas. O cuidado para com as pessoas e a conduta ética destacam-se entre as atribuições do pastor no ministério pastoral, cuidando dos fiéis e sendo a sua conduta exemplo para os mesmos. Assim, verifica-se que o cuidado pastoral e a conduta ética acabam por serem atribuições fundamentais para o exercício do ministério pastoral, bem como também para os líderes das igrejas.

PALAVRAS-CHAVE: Ministério pastoral. Metáforas bíblicas. Pastor. Líder. Cuidado pastoral.

ABSTRACT

This paper presents an approach to pastoral ministry and the challenges for contemporaneity. Based on bibliographic research it deals with the biblical metaphors about leadership and, specifically, about the shepherd/pastor. It highlights key concepts of the Bible which permit the tracing of the profile of the shepherd/pastor as a leader besides understanding the ministerial role. There is reflection about the pastoral ministry based on the biblical figures in the Old and New Testaments. In the Old Testament the figure of the shepherd/pastor is pointed out in each one of its sections – Historical Books, Prophetic Books and Poetic Books. The intention is to verify how the figure of the shepherd/pastor of the people of Israel permeates the Scriptures. In the New Testament special attention is given to Christ himself as shepherd/pastor par excellence, the shepherd of sheep. Caring for and about people and ethical conduct stand out among the attributes of the pastor in the pastoral ministry, where caring for the faithful and the pastor's conduct are an example for these. Thus one can verify that pastoral care and ethical conduct end up being fundamental attributes for exercising the pastoral ministry, as well as for being the leaders of the church.

Keywords: Pastoral Ministry. Biblical metaphors. Shepherd/Pastor. Leader. Pastoral care.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METÁFORAS BÍBLICAS SOBRE LIDERANÇA	11
1.1 As metáforas bíblicas	11
1.2 O mordomo	13
1.3 O atleta	15
1.4 O Soldado	16
1.5 O lavrador	18
1.6 A mãe.....	19
1.7 O pai	20
1.8 O servo: <i>doulous, diakonos e leitourgos</i>	22
2 A METÁFORA BÍBLICA DO PASTOR	25
2.1 A metáfora bíblica do pastor de ovelhas.....	25
2.2 O pastor no Antigo Testamento.....	27
2.2.1 O pastor nos livros históricos do Antigo Testamento	27
2.2.2 O pastor nos livros proféticos do Antigo Testamento	30
2.2.3 O pastor nos livros poéticos do Antigo Testamento	33
2.3 O pastor no Novo Testamento	35
2.3.1 Jesus: o Bom Pastor	36
2.3.2 O pastor como figura do líder	38
3 O MINISTÉRIO PASTORAL E O CUIDADO COM A VIDA HUMANA EM TEMPOS MODERNOS	43
3.1 A conduta ética.....	43

3.2 O cuidado e a exposição da Palavra de Deus	46
3.3 O desafio pastoral na contemporaneidade	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O ministério pastoral no mundo pós-moderno tem enfrentado grandes desafios inerentes ao contexto em que é vivenciado. Há uma “concorrência” com os artefatos tecnológicos da modernidade, com um consumismo materialista desenfreado, entre outros elementos que levam o ser humano a abdicar de valores sólidos para um prazer imediato, mas que também logo acaba.¹

Esse desafio influi no ministério pastoral que deve, por um lado, acompanhar as novas tendências, mas, por outro, cuidar para que os seus conceitos não sejam contaminados pelos modismos. Muitos têm buscado trazer para as comunidades modelos e paradigmas de grandes nomes da área da administração, liderança e serviço, dentre outros. Não se pode negar que alguns destes modelos são de grande valia e, sempre que possível, podem e devem ser utilizados no âmbito das comunidades. O que não se deve fazer é dar uma ênfase demasiada a esses modelos empresariais, em detrimento do genuíno modelo bíblico de ministério pastoral.

Uma leitura da Bíblia revela que, mesmo antes da existência do ministério pastoral propriamente dito, sempre houve modelos de liderança que, à época do Novo Testamento, vieram a ser aplicados a esse ministério. O ofício pastoral é bíblico. Isto deve ser levado em conta quando do exercício desse papel dentro das igrejas. O ministro deve esforçar-se ao máximo para preservar os modelos registrados nas Sagradas Escrituras.

¹ Zygmunt Bauman é um grande expoente da crítica ao modo pós-moderno de viver. O seu livro “Modernidade Líquida” desmascara a sociedade contemporânea com valores que “escorrem” pelos dedos, deixando os sólidos de lado. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

No primeiro capítulo, o trabalho discorre sobre as metáforas bíblicas sobre a liderança, contemplando termos/conceitos-chave que a Bíblia utiliza para caracterizar o trabalho do pastor como líder. As imagens bíblicas acerca da liderança são importantes para a aplicação no ministério pastoral.

Desta forma, no capítulo segundo destaca-se a metáfora bíblica do pastor e sua função ministerial. A partir da metáfora do pastor de ovelhas, reflete-se acerca das concepções do pastor no Antigo Testamento (livros históricos, proféticos e poéticos) e no Novo Testamento.

Por fim, o terceiro capítulo busca refletir a função do pastor no ministério pastoral na contemporaneidade, a sua liderança, enfatizando a necessidade do cuidado para com a vida e a conduta ética. Diante disso, constata-se a necessidade de permanecer expondo a Palavra de Deus para reafirmar o modelo bíblico de ministério pastoral e o seu desafio na contemporaneidade.

1 METÁFORAS BÍBLICAS SOBRE LIDERANÇA

Ao estudarmos a Bíblia, deparamo-nos com grande quantidade de gêneros literários. Não obstante, o intérprete da Bíblia deve ter em mente que ela é a Palavra de Deus, e que a variação nas formas de transmissão da mesma não altera a qualidade e a procedência da mensagem. Nesse capítulo inicial, pretendemos refletir sobre as metáforas bíblicas utilizadas para pessoas em função de liderança, para depois concentrar-nos na metáfora do pastor.

Dentre a grande variedade de formas literárias que fazem parte da Bíblia, encontram-se poesias, relatos históricos, alegorias, provérbios, parábolas, cânticos. Ainda é possível encontrar nas Sagradas Escrituras grande utilização de figuras de linguagem, que são recursos literários que o escritor pode aplicar ao texto para conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor.

1.1 As metáforas bíblicas

O próprio Jesus, conforme podemos observar nos evangelhos, muitas vezes falou por parábolas, usando em seus discursos figuras de linguagem e observações extraídas da vivência daqueles que o ouviam. Através da utilização dessas figuras de linguagem, ele contextualizava sua mensagem.

As páginas das Escrituras estão repletas de analogias, metáforas, símiles e parábolas sobre a vida cristã e a sociedade humana.

Há figuras de linguagem comuns a todos os idiomas, mas há também algumas próprias de um grupo linguístico ou de uma cultura. Na Bíblia encontram-se todas as figuras da língua portuguesa, e mais outras próprias do antigo universo semita e grego.

Como acontece com qualquer texto, várias figuras das línguas e culturas bíblicas originais se perdem na tradução, seja porque o idioma de chegada não permite manter o original, seja porque há jogos de palavras e expressões idiomáticas intraduzíveis. Por outro lado, são introduzidas na tradução aquelas da língua e da cultura do tradutor, além daquelas ligadas ao estilo pessoal de quem traduz.² A metáfora pode ser encontrada no âmbito das figuras de palavras ou estilo.

Segundo as atuais normas de gramática da língua portuguesa, metáfora³ define-se, resumidamente, como uma comparação sem a utilização do conectivo⁴, podendo ser usada para dar maior expressividade, emotividade e lirismo ao texto. Ocorre metáfora quando um termo substitui outro através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem a cria. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido. É possível, ainda, utilizar-se da metáfora para designar comparações, ampliando a ideia que se quer transmitir.

A Bíblia utiliza várias metáforas, como, por exemplo, “O Cordeiro de Deus”, em João 1.29, “O pão da vida”, em João 6.35, o “grão de trigo”, em João 12.24.

Exemplos clássicos de metáforas bíblicas são aquelas que dizem respeito à figura do líder das comunidades do “povo de Deus”. São muitas as imagens utilizadas com a finalidade de descrever, de certa forma, qual a abrangência do serviço reservado ao líder.

O livro “Imagens bíblicas do ministério pastoral” aborda algumas dessas imagens, trazendo-as para os dias hodiernos e aplicando-as à realidade e à vivência

² SILVA, Cássio da Silva Dias. *Leia a Bíblia como Literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 37.

³ Designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança. HOUAISS, Antônio. Metáfora. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão Digital 1.0.7, Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

⁴ Forma linguística que estabelece ligação entre dois termos de uma oração, ou entre orações num período (são as conjunções e os advérbios ou pronomes relativos). HOUAISS, Antônio. Conectivo. In: HOUAISS, 2004.

do labor pastoral. Esta obra, basicamente, concentra-se nas figuras utilizadas pelo apóstolo Paulo. Essas imagens têm um alcance surpreendente, e trazem luz à responsabilidade daqueles que são chamados para a obra do ministério cristão. Além disso, elas comunicam, de maneira clara e simples, os princípios, os valores e as atitudes de um ministério pastoral saudável, íntegro e eficaz.⁵

1.2 O mordomo

De acordo com Azevedo, o apóstolo Paulo utiliza-se de várias imagens para delinear a responsabilidade pastoral. O pastor é, em primeiro lugar, um mordomo de Deus e despenseiro de sua Palavra. De fato, esta é a ideia implícita na exortação a Timóteo “*Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós*” (2Tm 1.14). Já em 1 Coríntios 4.1, 2 a menção é clara: “*Que os homens nos considerem ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel*”. O vocábulo grego aqui traduzido por “despenseiro” é *oikonomos*. A palavra originalmente se referia ao administrador de uma família ou propriedade, e depois, em um sentido mais amplo, denotava um administrador ou mordomo em geral. Na passagem acima se refere aos ministros cristãos, assim como em Tito 1.7. Compreendemos que esta é uma metáfora muito importante para o ministério cristão, uma vez que ela compreende tudo o que a palavra responsabilidade sugere.

Essa sagrada mordomia nos faz encarregados “dos ministérios de Deus” (1Co 4.1). Cabe ao ministro assegurar a continuidade do ministério e a transmissão da fé e do santo depósito às gerações futuras. Na Bíblia, o ministro encontra despensa de verdades e ensinamentos riquíssimos que devem ser conhecidos e

⁵ AZEVEDO, I. P. *Imagens Bíblicas do Ministério Pastoral*. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 8.

transmitidos a outros, sem nada diminuir-lhes ou acrescentar-lhes. Paulo se constitui num exemplo de mordomo fiel. Ele tinha consciência de sua transitoriedade e que deixaria esta vida e seu povo. Por isso cuidou de transmitir a outros o tesouro recebido de Deus.

Azevedo acrescenta que o mordomo deve pregar deve admoestar, refutar a mentira, corrigir o erro e conduzir no caminho da verdade (2 Tm 4.1-5). Ainda segundo Azevedo, “Somos mordomos do tesouro espiritual que Deus nos entrega. É mister guardá-lo e passá-lo intacto a outros”. O vocábulo utilizado no grego para o verbo “transmitir” refere-se ao substantivo depósito (*paretheke*), que também significa “a mensagem cristã ortodoxa que é entregue a Paulo e a Timóteo como depósito sagrado”. É a doutrina que deve ser transmitida de geração em geração, por instrumentalidade de mordomos fiéis. O ministro de Deus, como mordomo, terá de prestar-lhe contas. O ministro é mordomo do que antes estivera oculto dos homens de todos os tempos. É, pois, imensa a responsabilidade do ministro de Deus como mordomo. Para ser mordomo e cumprir a ordem de passar a outros o santo tesouro, o pastor tem de fortalecer-se na graça do Senhor. Capacidade humana não lhe garantirá condições suficientes para o fiel desempenho de sua responsabilidade, do começo ao fim de sua jornada.⁶

Como mordomo fiel, Paulo foi um obreiro aprovado diante de Deus (1Ts 2.4). A palavra grega *dedokimasmetha*, usada por Paulo para “aprovado”, era utilizada no grego clássico com o sentido técnico de descrever a pessoa aprovada como alguém passível de eleição para um cargo público. Paulo foi um mordomo, um obreiro irrepreensível diante dos homens. Não era bajulador (*kolakeia*), que sempre pretende ganhar algo, como a lisonja por motivos de lucros. Não era um mercenário

⁶ AZEVEDO, 2004, p. 22-27.

(*pleonexia*), alguém com cobiça de todos os tipos e, portanto, o desejo de despojar outras pessoas daquilo que lhes pertence.⁷

1.3 O atleta

A figura do *atleta* é utilizada para mostrar alguém que é bem treinado e que luta de acordo com as normas da competição. Paulo exorta a Timóteo: “*Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como vencedor, se não competir de acordo com as regras*”. Ninguém inicia uma atividade atlética sem o propósito de buscar e alcançar excelência de desempenho. Do mesmo modo, ninguém inicia uma atividade destas sem pretender dar o melhor de si mesmo. Sempre esperamos o melhor do atleta. Ele tem de buscar a excelência, aplicando-se com afinco para alcançar a melhor forma física e técnica. Sabemos que enquanto muitas pessoas, com a mesma idade do atleta, estão passeando, divertindo-se, bebendo, fumando e namorando, o atleta corre, treina, “malha”, repete por diversas vezes o mesmo exercício e movimento. Permanece por horas chutando a bola. Em tudo isso ele tem apenas um objetivo: “ser o melhor em sua categoria e levar seu time ao triunfo”.⁸

Azevedo lembra que não pode ser diferente com o pastor. Este tem de buscar sempre as melhores condições físicas, intelectuais, espirituais e, inclusive, técnicas, com o fito de cumprir com suas obrigações e participar com o máximo de eficiência da “corrida” ministerial. Aquele que pratica o esporte ou atividade atlética com displicência ou negligência, sem profissionalismo, será sempre medíocre. Se o atleta não assumir uma atitude profissional, com inteira dedicação, certamente encontrará frustração e insucesso que o levarão a desistir. Um pastor relaxado,

⁷ LOPES, Hernandes Dias. *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 94-97.

⁸ AZEVEDO, 2004, p. 38-39.

displicente, preguiçoso, sem apetite para aprender nem dispor para exercitar-se e buscar o melhor, está fadado ao fracasso, à frustração e ao desencanto no ministério que Deus lhe deu.⁹

Disciplina e trabalho são, pois, indispensáveis ao atleta que deseja alcançar níveis de excelência e profissionalismo. Assim deve ser com o pastor: exercícios pessoais e coletivos. Deve aprender a trabalhar em equipe, o que exige aptidão pessoal e capacidade de interagir e cooperar. Além disso, uma boa alimentação e bom cuidado com o corpo se fazem necessários. O atleta responsável obedece a um rigoroso regime alimentar. Não se come necessariamente o que se gosta, mas o que é necessário. O atleta responsável ainda se abstém, conscientemente, de alimentos, bebidas e atividades sociais que possam comprometer sua atividade atléticas. A seu turno, o pastor que não consegue negar a si mesmo, que não se dispõe a abster-se de coisas agradáveis e inocentes por amor ao bom desempenho ministerial, ficará aquém das exigências de um bom “atleta de Cristo”. Seja no mundo atlético, seja no ministério pastoral, o presente é sacrificado em prol do futuro.¹⁰

1.4 O Soldado

Soldado demonstra alguém sempre disposto e disciplinado. Mais uma vez, nas cartas pastorais, o apóstolo Paulo exorta seu discípulo Timóteo ao dizer: “*Sofre, pois, comigo, as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo. Ninguém que milita se embaraça com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra*” (2Tm 2.3-4). É interessante observarmos que o soldado não serve onde quer

⁹ AZEVEDO, 2004, p. 39-40.

¹⁰ AZEVEDO, 2004, p. 40-44.

nem executa o trabalho ou as ações de sua preferência. Ele está constantemente sob ordens. Como soldado de Cristo, o dever chama, quer seja oportuno, quer seja inoportuno (2Tm 4.2).

Observamos que sob o sol ou sob a chuva, em lugares agradáveis ou duros, é dever do soldado estar sempre em seu posto. Um soldado precisa estar sempre preparado para enfrentar as situações mais difíceis e dolorosas. Com exceção do ensino, e assim mesmo sem comprometer seus deveres do quartel, o soldado não pode se envolver com atividades que comprometam seu desempenho no cumprimento cabal de suas obrigações militares. O texto de 2 Timóteo diz que o soldado “não se embaraça em negócio desta vida”. O verbo “embaraçar” (do grego *emplekomaí*) significa “envolver-se, enrolar-se, atrapalhar-se, envolver-se tanto numa atividade a ponto de experimentar severas restrições quanto ao que pode fazer”.¹¹ Envolver-se pode significar o “soldado deixar sua arma prender-se na própria armadura.”¹² A palavra negócios (*pragmateia*), por sua vez, significa “atividades”, “assuntos”, “ocupações”. O soldado não se pode deixar atrapalhar com as preocupações da vida civil. Uma atividade paralela pode até ser boa e mesmo importante, mas desvia-o do principal foco de sua vida: ser um soldado disciplinado e sempre disponível para os deveres de sua profissão. Como ministro do evangelho, cabe ao soldado de Cristo agradar-lhe em tudo, pois ele é o comandante dos exércitos de Deus.

Em nossa passagem, o apóstolo estimula seu filho na fé, mas também permanece a seu lado no quartel, sofrendo com ele as lutas, provações e privações, se necessário, como “bom soldado de Jesus Cristo”. Timóteo não sabia o que

¹¹ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (editor) *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 719.

¹² RIENECKER, Fritz. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 474.

haveria de acontecer em Roma, para onde o dever o chamava. É, pois, como soldados fiéis e dedicados que se deve seguir na carreira ministerial.¹³

1.5 O lavrador

O *lavrador* é aquela pessoa diligente e perseverante (2Tm 4.6). Antiga e importante, a imagem do lavrador serve como metáfora do ministério pastoral. Com efeito, o lavrador deve primeiro arar a terra antes de colher, e se o fizer, ele receberá a recompensa de uma colheita abundante. Aquele que trabalha duro no campo, de Deus receberá a recompensa adequada.

De fato, o apóstolo Paulo assemelha a igreja a um campo cultivado em que os cristãos trabalham juntos (1Co 3.5-9). Cada obreiro desempenha seu trabalho: arar, semear, regar ou colher, mas é Deus quem dá o crescimento. De todas as atividades humanas, talvez a que melhor ilustre a cooperação humano-divina e divino-humana seja a agricultura. Nela existe uma parte correspondente à ação de Deus e outra, à ação e diligência do ser humano. Contudo, se o lavrador se recusar a trabalhar no sol forte ou na chuva, ou em condições desfavoráveis, perderá a bênção de uma lavoura próspera. Por outro lado, o lavrador que trabalha arduamente deve ser o primeiro a gozar dos frutos. Com certeza, as igrejas devem reconhecer o esforço diligente de seus pastores, como cooperadores de Deus no cuidado da lavoura, e oferecer-lhes sustento digno e compatível com seu trabalho.¹⁴

¹³ AZEVEDO, 2004, p. 29-36.

¹⁴ AZEVEDO, 2004, p. 57-68.

1.6 A mãe

Até mesmo a figura de *mãe* é utilizada, como exemplo de pessoa amorosa e mestra do bem, sempre atenta às necessidades de seus filhos. É belíssima a passagem em que Paulo assim considera em 1 Tessalonicenses 2.6-8:

E não buscamos glória de homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados; antes, fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos.

Na opinião de Lopes, podem ser destacadas pelo menos quatro verdades nesta passagem bíblica.¹⁵

Como uma mãe, Paulo abriu mão de seus direitos (1Ts 2.7). Observamos que a palavra usada por Paulo para “ama” é *trófos*– uma mulher que faz a vez de mãe substituta no processo de criar os filhos. Em nossa passagem, é possível que signifique a mãe que amamenta e cria os próprios filhos. Uma mãe é aquela que quando tem apenas um pão para repartir diz para o filho que não está com fome. Uma mãe abre mão dos seus direitos em prol de seus filhos. Paulo tinha o direito de exigir dos tessalonicenses o seu sustento. Mas ele, de forma voluntária e abnegada, abriu mão desses direitos para suprir as necessidades dos tessalonicenses como uma ama carinhosa que acaricia os próprios filhos. O apóstolo não era um mercenário, antes, um pastor. Paulo cuidou dos seus filhos espirituais com ternura, como uma mãe que acaricia seus filhos, que cuida com afeto de um bebê. O apóstolo cuidava, como uma mãe, com sacrifício cabal (1Ts 2.8). Ele estava a ponto de dar sua própria vida pelos crentes de Tessalônica. Ele não vivia para explorá-los,

¹⁵ LOPES, 2008, p. 97-99.

mas para servi-los. Era um ministério de doação, como uma mãe está disposta a dar sua própria vida para proteger o filho: um amor sacrificial, disposto a doar-se.

Como uma mãe, Paulo cuidou dos seus filhos espirituais com a melhor provisão (1Ts 2.8b). Ofereceu ao povo o pão nutritivo da verdade.

1.7 O pai

O *pai*, responsável e provedor, é outra figura utilizada. Na continuação da passagem mencionada acima Paulo, sente-se como um pai cuidando de seus filhos (1Ts 2.9-12). A metáfora do pai pode ensinar muito a respeito do ministério pastoral. Um verdadeiro pai não é apenas o que gera filhos, mas também o que cuida deles. No Antigo Testamento, esta metáfora é aplicada ao próprio Deus (Sl 103.13).

Lopes destaca quatro aspectos que definem o ministério de pai exercido pelo próprio apóstolo Paulo.¹⁶

Em primeiro lugar, o trabalho de Paulo foi memorável (1Ts 2.9). Conquanto os irmãos da igreja de Filipos tivessem enviado dinheiro para ajudar Paulo por duas vezes em Tessalônica (Fp 4.15, 16), e não obstante fosse seu direito exigir sustento da igreja (1Ts 2.7), conforme visto acima, nosso apóstolo decidiu trabalhar para se sustentar, conforme 2 Tessalonicenses 3.6-9:

Mandamo-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que andar desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebeu. Porque vós mesmos sabeis como convém imitar-nos, pois que não nos havemos desordenadamente entre vós, nem de graça, comemos pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos autoridade, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes.

¹⁶ LOPES, 2008, p. 100-102.

O pai trabalha para sustentar a sua família. Ninguém podia acusar Paulo responsabilmente de ganância financeira. Mesmo tendo ele direito legítimo de exigir seu sustento, Paulo não dependia dele para fazer a obra de Deus. O apóstolo não estava no ministério por causa de salário. Sua motivação era a glória de Deus, a salvação dos perdidos e a edificação da Igreja.

Em segundo lugar, Paulo sempre teve um procedimento irretocável (1Ts 2.10-12). O apóstolo evoca o testemunho do próprio Deus e também da igreja a respeito do seu procedimento no meio da igreja de Tessalônica. Paulo viveu de forma piedosa (*hosios*), justa (*dikaios*) e irrepreensível (*amemptos*). Seus inimigos até podiam odiá-lo, mesmo acusá-lo, mas não podiam encontrar nada que o envergonhasse. Paulo era irrepreensível.

Em terceiro lugar, como pai, o apóstolo proferia palavras encorajadoras. De fato, um pai não deve apenas sustentar a família com seu trabalho e ensinar-lhe com seu exemplo. Deve também ter tempo para conversar com os membros de sua família. Com efeito, Paulo ensinava cada filho individualmente (1Ts 2.11-12), sem buscar o *glamour* da multidão. O apóstolo exortava a cada filho na fé. Um pai responsável equilibra disciplina com encorajamento. Usa a vara e também ministra o amor. Tem firmeza e doçura. Faz de seus filhos verdadeiros discípulos. Paulo consolava cada filho na fé, fazendo-os sentir-se melhor e também fazer coisas melhores. Ele admoestava (*nouthesia*), confrontava cada um de seus filhos na fé. Seu papel, como pai, não é agradar os filhos o tempo todo, mas prepará-los para a vida mesma. O papel do pai não é atender todos os desejos dos filhos, mas antes, suprir as necessidades. Confronta-os, mesmo que os leve às lágrimas.

Em quarto lugar, Paulo, como pai, tinha um propósito sublime: “ensinar os seus filhos na fé” a viver “de modo digno de Deus”. Seu alvo era levar os crentes à

maturidade espiritual. Os tessalonicenses deveriam atingir, um dia, a plenitude da estatura de Cristo. Este era o propósito de seu “pai” espiritual. Paulo olhava para cada filho na fé como uma coroa a receber de Cristo na sua vinda (1Ts 2.19, 20). O pastor precisa não apenas aguardar a vinda de Cristo, mas também ganhar outras pessoas para apresentar ao Senhor.

1.8 O servo: *doulous, diakonos e leitourgos*

Também encontramos a metáfora do *servo*, fiel e dedicado. Com efeito, no texto de 1 Coríntios 4.1, ao dizer que “os homens nos considerem como ministros de Cristo”, o apóstolo utiliza-se do termo grego *hyperetas*, cujo significado primário é o de uma pessoa que presta serviços – “servo”. Em o Novo Testamento, é usado para fazer referência a vários tipos de servos, como, por exemplo, funcionários da corte de um rei, oficiais do Sinédrio, assistentes de magistrados, e, especialmente no Evangelho de João, os guardas do Templo. No grego clássico foi empregado para denotar o remador auxiliar, numa embarcação que possuía dois ou mais remadores, sob a direção do “patrão”. Esperava-se dos remadores auxiliares que remassem no mesmo ritmo, com o mesmo empenho, mas o dono do barco é que lhe indicava o destino, o rumo, o porto certo. Mais tarde a palavra veio a significar servo, ministro, auxiliar. O termo significa essencialmente “auxiliar” ou “ajudante”.¹⁷

Além do termo grego mencionado acima, no Novo Testamento encontramos mais três termos para o substantivo “servo”: *doulous, diakonos e leitourgos*. O primeiro se refere à condição de escravo, àquele que pertence a um senhor e a ele lhe é subserviente. Aquele que é propriedade de um dono. Quando Paulo se apresenta como um escravo de Jesus Cristo ou de Deus, em Romanos 1.1, Gálatas

¹⁷ AZEVEDO, 2004, p. 100.

1.10 e Tito 1.1, o termo chama a atenção principalmente para o fato de ele pertencer a Cristo ou a Deus.¹⁸

Diakonos salienta a ideia do trabalho voluntário, diligente e humilde. Aquele que serve tem por modelo o próprio Jesus Cristo, que declarou ser entre seus discípulos “como quem serve” (*ho diakonon* – Lc 22.27). Apolo e Paulo foram “servos”, ministros da Palavra do Evangelho. Alegria, disposição e prontidão para o serviço, inteira responsabilidade perante seu senhor são características do *diakonos*.¹⁹

Por fim, *leitourgos* refere-se a uma pessoa que presta um serviço especial: “aqueles que se dedicam a isso mesmo são servos de Deus” (Rm 13.6). Também pode se referir àquele que desempenha um serviço público à sua própria custa, e mais tarde veio a significar “um servo público”, “um ministro público”..²⁰

Dessa forma, o pastor não é senhor de sua vida, de seu trabalho e de seu destino, mas pertence por inteiro a Jesus Cristo. Este é seu Senhor, quem o comprou por bom preço. Diz Paulo a respeito: “Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo” (1Co 6.20) e “Vocês foram comprados por alto preço; não se tornem escravos de homens” (1 Co 7.23). O pastor serve voluntariamente; serve a Cristo servindo aos seres humanos.

O líder é ainda um *construtor* atento aos pormenores de uma obra que deve ser bem feita. Aos coríntios, Paulo lembra: “*Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele*” (1Co 3.10).

¹⁸ LOUW; NIDA, 2013, p. 659.

¹⁹ AZEVEDO, 2004, p. 99.

²⁰ AZEVEDO, 2004, p. 101.

Para compreender como cada um edifica o fundamento enquanto pastor no seu ministério pastoral, há que se compreender como a figura do pastor é construída nos relatos bíblicos, Antigo e Novo Testamentos.

2 A METÁFORA BÍBLICA DO PASTOR

Entre as metáforas para cargos de liderança, Azevedo traz ainda a imagem do *pastor* propriamente dito, alguém segundo o coração de Deus. Pela importância dessa metáfora, nós a abordaremos em capítulo separado. Com muita segurança podemos dizer que não há imagem mais afetuosa, mais enternecedora, mais ricamente apresentada na Bíblia que a do pastor para simbolizar a longa obra que é o cuidar do povo de Deus.²¹

As tarefas do pastor de ovelhas eram árduas e variadas. A ele cabia não apenas a proteção dos rebanhos contra ladrões e animais selvagens, mas também buscar constantemente boa pastagem e provisão de água (Sl 23.2). O trabalho do pastor de ovelhas era exigente e perigoso. Não obstante a simplicidade da figura desse pastor, Deus se vale da imagem dele, assim como autores bíblicos, para significar o cuidado do Deus Eterno por seu povo. E o Senhor o faz com diligência e ternura, carregando-o em seus braços.²²

2.1 A metáfora bíblica do pastor de ovelhas

Sabemos que os afazeres do pastor de ovelhas eram duros e variados. Ao pastor cabia, além de proteger os rebanhos contra ladrões e animais selvagens, a constante busca de boas pastagens e de provisão de água (Sl 23.2).

Vejamos como a Bíblia trata a figura do pastor, desde o Antigo Testamento, passando por cada um de seus grandes blocos, até o Novo Testamento. Por fim, veremos a metáfora do pastor como figura do próprio Jesus Cristo. Nossa intenção é

²¹ AZEVEDO, 2004, p. 117.

²² AZEVEDO, 2004, p. 119.

aprender dessa metáfora, e colocá-la posteriormente em diálogo com a figura dos pastores de nossas igrejas, cuja tarefa é cuidar do povo de Deus.

Dentre as muitas metáforas encontradas na Bíblia, destaca-se a figura do líder como pastor. Para MacArthur, de todos os títulos e metáforas empregados para descrever a liderança espiritual, o mais adequado é o de pastor. O autor observa que da mesma forma que os pastores de ovelhas, os pastores de igrejas devem guardar seus rebanhos para que não se percam, conduzi-los até aos verdes pastos da Palavra de Deus e defendê-los contra os lobos selvagens (At 20.29) que pretendem assaltá-los.²³

Um exemplo clássico dessa metáfora que se observa nas Escrituras é o relacionamento que o pastor de ovelhas tinha com seu rebanho, utilizado para ilustrar o relacionamento que o líder deve ter com liderados.

Sabe-se que o relacionamento entre o pastor de ovelhas com seus animais exigia grande intimidade, e isso era necessário para que o pastor soubesse identificar os problemas do rebanho e pudesse ajudá-lo de forma eficiente. De acordo com MacArthur, o pastor que não alimentar o rebanho não o terá por muito tempo. Suas ovelhas ou vão fugir para outros campos ou morrerão de fome. Acima de tudo, Deus exige que seus pastores espirituais alimentem os rebanhos.²⁴

Nas Escrituras, no Salmo 23.1, quando declara: “*O Senhor é o meu pastor e nada me faltará*”, Davi emprega a metáfora mais compreensiva e íntima que se encontra nos Salmos. Usualmente preferiam-se as palavras mais distantes como “rei”, ou “libertador”, ou as mais impessoais como “rocha”, “escudo” etc. O pastor, ao contrário, vive com seu rebanho, sendo tudo para ele: guia, médico e protetor. “*O Senhor é meu pastor*” expressa o papel pastoral de Deus em relação a seu povo.

²³ MACARTHUR JR., J. et al. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 46.

²⁴ MACARTHUR JR., 1998, p. 47.

A palavra “pastor” sugere a liderança e o cuidado, e, portanto, é uma metáfora apropriada para se usar no caso de monarcas hereditários que, de outra forma, poderiam pensar somente em termos de dominar seu povo.

2.2 O pastor no Antigo Testamento

Para uma melhor compreensão da figura do pastor, devemos iniciar pelo Antigo Testamento. Ele descreve muitas vezes Israel como uma ovelha que necessita de um pastor, como no Salmo 100.3, que registra *“Sabei que o SENHOR é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio”*.

2.2.1 O pastor nos livros históricos do Antigo Testamento

É no Antigo Testamento que se encontra primeiramente o pastor como um líder, com a função de exercer liderança e cuidado pelo povo de Israel. Moisés, por exemplo, é considerado pastor. Ele tem como ovelhas o povo pelo qual deveria zelar e defender. A Bíblia assinala em Números 27.17 *“[...] para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor”*, quando Moisés pede ao Senhor um homem que pudesse ficar em seu lugar.

A primeira referência à atividade pastoril que se encontra na Bíblia está registrada em Gênesis 4.2: *“e Abel foi pastor de ovelhas”*. Vários outros personagens de destaque nas Sagradas Escrituras também exerceram a função de pastor de ovelhas, tais como Abraão, Jacó, Moisés, Davi e o profeta Amós.

A partir da história de Jacó, nota-se que o pastor de ovelhas era responsável pessoalmente por cada uma das ovelhas entregues ao seu cuidado: *“Não te trouxe*

eu o despedaçado; eu o pagava; o furtado de dia e o furtado de noite da minha mão o requerias” (Gn 31.39). Ressaltamos ainda a preocupação de Jacó para com as ovelhas, o que espelha o cuidado do pastor de ovelhas para com seus animais: “*se as afadigarem somente um dia, todo o rebanho morrerá*” (Gn 33.13).

Um rebanho de ovelhas deve ser cuidado por alguém que possa encontrar as dispersas, procurar as perdidas, apascentar todo o rebanho e cuidar dele, dedicando atenção especial às fracas e doentes. Sobre essa premissa o presente trabalho propõe-se a tratar do relacionamento “líder/liderado”, retratado pela metáfora bíblica “pastor/ovelha”.

Dentre as atividades exercidas pelo pastor de ovelhas, a Bíblia relata que ele devia proteger as ovelhas do ataque de grandes animais tais como: ursos, leões e lobos (1Sm 17.34). Existem inúmeras outras passagens que, cada uma, traz uma ou outra atividade exercida pelo pastor de ovelhas. No entanto, não podemos transcrevê-las todas devido à limitação exigida em um trabalho como esse.

Jacó descreveu a dureza do pastoreio em Gênesis 31.40: “*De dia me consumia o calor, e de noite a geada; e o meu sono fugiu dos meus olhos*”.

Segundo Azevedo, “a alimentação do pastor era frugal, constituída geralmente de leite das próprias ovelhas. Em termos monetários, sua remuneração era quase inexpressiva.” Ele ressalta ainda que, por vezes, o pastor recebia sua remuneração *in natura*, em leite, lã ou através do recebimento da cria das próprias ovelhas. Em suma, o pastor vivia do rebanho.²⁵

Moisés apresenta-se como o pastor que conduz um rebanho. Em Êxodo 3.1 destaca-se que “*apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em*

²⁵ AZEVEDO, 2004, p. 119.

Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, a Horebe". Aqui ele exerce de fato o trabalho de pastor, ainda não como metáfora.²⁶

Posteriormente, Deus faz de Moisés o "pastor" do povo de Israel, conduzindo-o através do deserto até a terra que o Senhor prometera aos seus ancestrais Abraão, Isaque e Jacó, representando assim o bom pastor, que conduz as ovelhas em segurança, e "vai adiante delas, e estas o seguem, porque conhecem a sua voz".²⁷

Assim como Moisés estava apascentando o rebanho quando foi chamado por Deus para cumprir o ministério que lhe havia sido designado, as Escrituras registram que Davi, quando foi ungido por Samuel, estava a apascentar o rebanho de seu pai (1Sm 16.11).

Conforme 1 Samuel 17.34-35, Davi relata a Saul que:

[...] Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; quando veio um leão ou um urso e tomou um cordeiro do rebanho, eu saí após ele, e o feri, e liberei o cordeiro da sua boca; levantando-se ele contra mim, agarrei-o pela barba, e o feri, e o matei.

Desta forma, Davi representa o pastor que, deixando as demais ovelhas em segurança, parte em busca da ovelha perdida e, se preciso, com o prejuízo da própria vida, resgata-a daquele que busca o mal de seu rebanho. Assim como a Moisés, é Deus quem chama Davi para cuidar do povo de Israel, conforme encontramos em 1 Crônicas 17.7: "*Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eu te tirei do curral, de detrás das ovelhas, para que fosses chefe do meu povo Israel.*"²⁸

Ainda no livro das Crônicas, nos deparamos com o seguinte registro: "*E eu mesmo sou o que pequei e fiz muito mal; mas estas ovelhas que fizeram?*" (1 Cr

²⁶ HEBERSHON, A. *Manual de Tipologia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 136.

²⁷ HEBERSHON, 2003, p. 136.

²⁸ HEBERSHON, 2003, p. 137.

21.17b). Neste texto Davi, em sua oração quando o Senhor enviou uma peste a Israel e caíram setenta mil homens (1 Cr 21.14), refere-se ao povo de Israel como “*estas ovelhas*”, atribuindo ao Senhor a figura de pastor, pois, ao povo de Israel denomina “*teu povo*” (1 Cr 21.17c).

Temos, aqui, de maneira abreviada, a forma com que os livros históricos do Antigo Testamento apresentam a figura do pastor como metáfora do líder do povo de Deus. Passemos agora para os livros proféticos.

2.2.2 O pastor nos livros proféticos do Antigo Testamento

Em se tratando da metáfora do pastor nos livros proféticos, Bosetti afirma que o próprio Deus, em Ezequiel 34.23, estabelece um modelo quando diz que dará às suas ovelhas um pastor tal qual Davi: “*Eu darei às minhas ovelhas um rei que será como o meu servo Davi, para ser o seu único pastor. Ele será o seu pastor e cuidará delas*”.²⁹

No contexto acima, encontramos um amplo emprego da metáfora pastoril no capítulo 34 e um eco no capítulo 37 do livro do profeta Ezequiel. Ao retomar os temas de Jeremias, Ezequiel cria uma página sugestiva, de dramática plasticidade. A cena poderia ser ambientada em um tribunal. Está se desenrolando um processo: de um lado, os acusados (os pastores malvados), do outro, as testemunhas mudas de seus malefícios (as ovelhas), e o Senhor no centro, como juiz.³⁰

O primeiro ato desta dramatização é constituído pela sentença contra os falsos pastores (Ez 34.2-10). O segundo ato do drama coloca em ação o Senhor, para fazer exatamente o que os pastores não fizeram. Já no terceiro ato, o juiz se

²⁹ BOSETTI, E. *A tenda e o bastão*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 167.

³⁰ BOSETTI, 1995, p. 168.

volta para as ovelhas, pois no seio do rebanho (povo) verificam-se privilégios e prepotências: domínios dos fortes sobre os fracos, desprezo e hostilidade (Ez 34.18, 19). Ezequiel recorda o tema da responsabilidade pessoal. O quarto ato do drama traz a solução. Evoca-se uma figura misteriosa que aparecerá no futuro e que pertence ao passado: um Davi redivivo. Ele será pastor, como o foi Davi. Este novo Davi é antes de tudo o servo de Deus. Fica claro o senso de pertença ao Senhor e a confiança que o servo deposita nele. Servo de Deus por antonomásia³¹ é Moisés (por 40 vezes a Escritura o chama assim), mas também o rei Davi era conhecido pela tradição com o título de “meu servo”.³²

Deus é o Senhor do rebanho, e este Davi, o pastor bondoso que não compete de modo algum com a soberania divina sobre as ovelhas. Há uma integração plena entre a obra deste servo e aquela de Deus. Este perfeito entendimento entre o Senhor das ovelhas e o Davi pastor se traduz em benção e prosperidade, em aliança de paz (Ez34.24; 25.31).³³

Em Jeremias 3.15 podemos ler: *“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência”*; em Ezequiel 34.23: *“Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor”*; e em Ezequiel 34.16: *“A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei [...]”*. Vemos aqui o cuidado do Senhor para com seu povo.

A alegria de ser conduzido pelo divino pastor é cantada também pelo profeta Sofonias. Este profeta liga a simbologia pastoril à ideia de um “resto” de Israel

³¹ Variedade de metonímia que consiste em substituir um nome de objeto, entidade, pessoa etc. por outra denominação, que pode ser um nome comum (ou uma perífrase), um gentílico, um adjetivo etc., que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor. HOUAISS, Antônio. Antonomásia. In: HOUAISS, 2004.

³² BOSETTI, 1995, p. 173.

³³ BOSETTI, 1995, p. 174.

humilde e pobre, liberado da vergonha das culpas cometidas e do perigo de cometer ainda outras (Sf 3.11-13). O livreto de Sofonias é finalizado com a promessa da salvação. As frases conclusivas enriquecem a imagem pastoril segundo a linguagem de Miquéias, Ezequiel e mesmo do Segundo Isaías. Ainda que não se fale de pastor nem explicitamente de rebanho (Sf 3.19-20), os adjetivos femininos se referem às ovelhas, assim como o verbo “reunir”.³⁴

O último profeta que faz ampla referência à metáfora do pastor é Zacarias. Como outros profetas antes dele, Zacarias também recebe a ordem de anunciar a Palavra do Senhor através de um procedimento estranho: deve apascentar ovelhas destinadas ao matadouro, para ser o símbolo do Senhor como pastor. A condição das ovelhas é desesperadora: os pastores a que eram confiadas já não mais se preocupam com elas (Zc 11.4-5). O profeta se coloca a apascentá-las por conta dos mercadores de ovelhas. Depois de apenas um dia, isto é, um breve período, de atividade pastoril, Zacarias já obteve um notável resultado, eliminando três pastores indignos de tal nome.³⁵

Constatamos, assim, quão rica e estimulante tornou-se a metáfora do pastor nos profetas. Ela dá continuidade a uma ideia fundamental, configurada na história do êxodo: o envolvimento pessoal do Senhor na libertação e guia de seu povo. De outro lado, os profetas enriquecem notavelmente o significado da metáfora pastoril através de múltiplas evocações, ressonâncias e novos empregos. Podemos verificar isso antes de tudo em Oséias. Miquéias sublinha que o cuidado pastoril do Senhor é preferencial: volta-se para os débeis e os afastados, à ovelha transviada e àquela distante.

³⁴ BOSETTI, 1995, p. 175.

³⁵ BOSETTI, 1995, p. 177.

O pecado dos pastores de Israel, denunciado pelos profetas, está propriamente em ter desatendido as exigências dos pequenos e dos débeis para cuidar apenas do próprio proveito. E o que deveriam ter feito os pastores de Israel, qual sua missão específica? Deduz-se isso por contraste, pela denúncia de suas omissões: deviam fortificar as ovelhas débeis, curar as enfermas, pensar as esfoladas, reconduzir aquelas que se afastaram, procurar as perdidas, ocupar-se com bondade e mansidão do bem de todas.³⁶

2.2.3 O pastor nos livros poéticos do Antigo Testamento

Quando se refere à figura do pastor nos livros poéticos, a primeira figura lembrada é a do pastor do Salmo 23. Para Schökel, o Salmo 23 é um dos favoritos do saltério. Em favor desse salmo, conjugam-se razões teológicas e culturais. O Antigo Testamento tira talvez a popularidade da imagem da figura de Davi, o rei pastor.³⁷

Quando o primeiro versículo é convertido em estribilho ou antífona, parece que o Salmo fica definido e fixado com um título: “O Senhor é meu pastor”. Aparentemente o Salmo traz à lume duas imagens: a imagem do pastor e a imagem do anfitrião. Aqui nos restringiremos à imagem do pastor. A figura e o título de rei e da divindade como pastor abrange uma área cultural muito ampla. A imagem do pastor inscreve-se na rede de relações entre o ser humano e o animal: relações de hostilidade quando o ser humano rechaça o ataque da fera ou quando caça o animal fugitivo, relações de domínio e amizade com o animal domesticado.

³⁶ BOSETTI, 1995, p. 178.

³⁷ SCHÖKEL, L. A.; CECÍLIA, C. *Salmos I: salmos 1-72*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 380.

Schökel detecta o detalhe indicado pela palavra poética e reconstrói imaginativamente a cena. Nessa reconstrução, o autor visualiza uma cena no deserto, onde se depara com um oásis. As ovelhas descansam, bebem água e sentem recobradas as suas forças. A seguir, reinicia a caminhada. O pastor vai guiando o rebanho pelo trilho estreito, que conhece a dedo, evitando que as ovelhas se extraviem. Ao chegar ao beco estreito, surge a escuridão: as ovelhas, com pouco sentido de orientação recebem-na através de sons e tato: um golpe leve do cajado dirige as ovelhas desviadas e incita as que se atrasam para o caminho certo. O golpe ritmado do cajado nas pedras traz a certeza de uma presença conhecida e tranquilizadora.³⁸

A experiência de caminhar acompanha todo homem enquanto ser espacial limitado. Schökel encerra sua análise da imagem pastoral de forma um tanto poética:

A escuridão com seus medos nos traz recordações infantis: o longo corredor obscuro, o despertar sobressaltado no quarto em trevas, e, então, o valor de ruído conhecido, o afã de sentir uma presença amiga, o serenar-se com um tato ou ritmo... A infância nos devolve ao elementar. Precisamente na angústia da escuridão busca-se e sente-se com mais força a presença amiga. No salmo, de repente, cessa o tom enunciativo da terceira pessoa dando passo a um grito alegre em segunda pessoa. No “tu” estamos reconhecendo o pastor autêntico, que faz honra a esse título e que é o Senhor. A escuridão interiorizou a relação pessoal ao nos deixar sós.³⁹

Ainda utilizando-se da imagem do pastor, observamos a opinião de Stitzinger. O autor declara que o Antigo Testamento fornece uma base importante para a compreensão da função do pastor:

O pastor manifesta seu cuidado, amor, misericórdia, disciplina, compaixão e prazer paternal em relação ao seu povo, por quem Ele deseja ser amado e temido de todo coração. Ele também demonstra a autoridade e a fidelidade de Deus, bem como a necessidade e as implicações da obediência. Os

³⁸ SCHÖKEL; CECÍLIA, 1996, p. 381.

³⁹ SCHÖKEL; CECÍLIA, 1996, p. 383

líderes servos exemplificam tanto os pontos fortes como os fracos à medida que são usados por Deus para executar seu plano soberano na história humana.⁴⁰

Essas são algumas das imagens da figura pastoral no Antigo Testamento. Para uma transposição cristã, o Novo Testamento oferece vários dados inequívocos. A partir desses dados, passamos à figura do pastor nessa porção das Escrituras.

2.3 O pastor no Novo Testamento

Agora voltamo-nos para O Novo Testamento. Nosso objetivo é procurar também aí a metáfora do pastor como figura do líder escolhido por Deus para zelar pelo seu rebanho. Stitzinger⁴¹ afirma que o Novo Testamento constrói-se sobre o fundamento do Antigo, ao revelar o Pastor principal, Cristo, em toda a sua sabedoria, glória, poder e humildade.

A pessoa e a obra do Grande Pastor, continua Stitzinger, culmina em sua morte e a ressurreição. O Bom Pastor deu a vida por suas ovelhas, a quem chama para si. Esses “chamados” representam a Igreja. Cristo, como cabeça da Igreja, a lidera e a pastoreia. Ele chama pastores para serem “sub-pastores”, a fim de que atuem e supervisionem sob a sua autoridade.

O próprio apóstolo Pedro, em Pedro 5.1-4, exorta:

Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, [...] pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.

⁴⁰ STITZINGER, James F. O ministério pastoral na história. In: MACARTHUR JR., John. *Ministério pastoral: Alcançando a excelência no ministério cristão*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 57.

⁴¹ STITZINGER, 1998, p. 58.

Ressaltamos que a partir do Novo Testamento o “rebanho” deixa de ser apenas o povo de Israel e passa a incluir os gentios que se tornam discípulos de Jesus Cristo.

Para Stitzinger⁴², uma série de palavras descritivas lança luz sobre o ministério pastoral bíblico: governante, embaixador, pastor, despenseiro, defensor, ministro, servo e exemplo. Além disso, cinco termos distintos referem-se ao ofício pastoral: presbítero ou ancião, bispo ou supervisor, pastor, pregador e mestre.

2.3.1 Jesus: o Bom Pastor

No Evangelho segundo João, em seu capítulo 10, Jesus faz uso de duas figuras individualmente, ambas ligadas ao pastoreio. Primeiramente ele faz a seguinte declaração “*Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens*” (Jo 10.9). Segundo Pearlman, a cena é corriqueira na Palestina. À noite, as ovelhas são levadas para o aprisco, um abrigo com altos muros e portão bem protegido com ferrolhos, onde descansam sob a vigilância de um porteiro. Pela manhã, cada pastor chega e é admitido pelo porteiro mediante um sinal combinado; dessa forma, cada pastor chama suas ovelhas. As ovelhas seguem-no ao reconhecer a sua voz.⁴³

Em segundo lugar, o relacionamento das pessoas com Jesus é comparado ao das ovelhas com o pastor “*Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas*”, podemos ler em João 10.11. Tal ilustração é comum ao longo das Escrituras conforme já observamos acima. Essa ilustração faz lembrar que os seres humanos tendem a seguir um líder e, facilmente se extraviam. Por isso, precisam de

⁴² STITZINGER, 1998, p. 59.

⁴³ PEARLMAN, M. *João, o Evangelho do Filho de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 120.

proteção e necessitam de sustento. Esse trecho do Evangelho segundo João demonstra uma clara associação entre a pessoa de Jesus e o pastor ideal, que chega a dar a própria vida para que a ovelha não venha a perecer.⁴⁴

Nas figuras empregadas em João 10, Jesus evidencia algumas características suas como “pastor de ovelhas”: o bom pastor conduz suas ovelhas, “*vai adiante delas*” (v. 4): ele guia e conduz mediante o seu exemplo, não as impele. O bom pastor conhece suas ovelhas “[...] *e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz [...]*” (v. 4), as ovelhas o conhecem e o seguem. Pearlman lembra que é o próprio Jesus quem declara “Ele dá sua vida pelas ovelhas (v. 11)”.

Na opinião de Alexander, o Pastor pode contar com a obediência das ovelhas que O seguem e reconhecem a Sua voz em meio à confusão provocada por outras vozes. Elas não aceitam autoridade alguma a não ser a Sua; ninguém mais tem direito sobre suas vidas. Protege-as contra todos os perigos do caminho, e Suas ovelhas têm confiança absoluta. Essa intimidade entre ovelha e pastor ultrapassa a compreensão do ser humano.⁴⁵

Das características referentes ao pastor, podemos ver que Jesus era responsável pelas ovelhas que lhe haviam sido confiadas a Ele por Deus: “*E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai*” (Jo 10.28-29).

Ainda, cotejando-se as características pertinentes a Jesus, notamos a preocupação e o cuidado para com as ovelhas. Assim declara a Bíblia: “*E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor.*” (Mt 9.36).

⁴⁴ PEARLMAN, 1995, p. 123.

⁴⁵ ALEXANDER, H. E. *O evangelho segundo João*. São Paulo: Casa Brasileira da Bíblia, 1957. p. 172.

Comparando com as características de Moisés, observamos em Jesus também o pastor que guia as ovelhas, conforme Ele mesmo assevera em João 10.4: “*vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz*”. Jesus leva suas ovelhas em segurança, de modo que elas nada temam.

Comparando com Davi, verificamos de forma clara em Jesus o pastor que dá a vida pelas suas ovelhas: “*Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas*” (Jo 10.11). Suas palavras se cumpriram no momento em que ele entregou a sua vida a fim de salvar toda a humanidade das garras do pecado e da morte. Segundo Alexander, só Um morreu pelas ovelhas, só Um verteu Seu sangue para purificar o ser humano do pecado e salvá-lo; só Um ressuscitou.⁴⁶

Na pessoa de Jesus, reúnem-se todas essas características encontradas nos pastores do Antigo Testamento.

As Escrituras são claras quanto ao ofício e funções do pastor. Afirma Stitzinger:

O padrão bíblico descreve um homem cheio do Espírito Santo que supervisiona, pastoreia, dirige, ensina e admoesta, fazendo tudo com espírito de amor, consolo e compaixão. Todas essas funções eram evidentes na Igreja Primitiva. Naquele primeiro estádio, ela destacava-se pela pureza [...], pelo espírito voluntário [...], pela tolerância [...] pelo zelo evangelístico [...], pela observância das ordenanças bíblicas [...] e pelo ministério dinâmico [...].⁴⁷

2.3.2 O pastor como figura do líder

Arango afirma que o vocábulo “pastor” tem sua origem no grego *poimen*, cujo significado é simplesmente “proteger”. A palavra *poimen* é utilizada dezoito vezes em O Novo Testamento. Oito vezes se usa para descrever o pastor de ovelhas (Mt 9.36; 25.32; Mc 6.34; Lc 2.18, 15, 18, 20; Jo 10.2). Seis vezes se usa

⁴⁶ ALEXANDER, 1957, p. 172.

⁴⁷ STITZINGER, 1998, p. 58.

simbolicamente para referir-se a Jesus (Mt 26.31; Mc 14.27; Jo 10.11, 12, 14, 16). Uma vez ela aparece para descrever ao Senhor Jesus, o Grande Pastor das ovelhas (Hb 13.20). Uma vez assinala Jesus como Pastor e Bispo das almas (1Pe 2.25). O termo “pastor”, afirma Arango, foi utilizado descritivamente para designar os líderes da Igreja Primitiva, possivelmente pela primeira vez na igreja de Éfeso, ao final do primeiro século⁴⁸

Stitzinger⁴⁹ declara que *poimen* denota liderança e autoridade (At 20.28-31; Ef 4.11), bem como direção e provisão (1Pe 2.25; 5.2-3).

Para Crabtree, este substantivo se relaciona com a palavra *poia*, que significa erva ou grama. O povo pastoril do Antigo Testamento sabia avaliar a responsabilidade e a dignidade do pastor, e os escritores hebreus usaram a figura frequentemente no seu mais nobre sentido “O Senhor é o meu pastor” (Sl 23.1); “O meu servo Davi reinará sobre eles, e todos eles terão um pastor” (Ez 37.24). De acordo com Crabtree, o apóstolo Pedro recebe a ordem de Cristo ao lado do lago da Galileia “Pastoreia as minhas ovelhas” (Jo 21.16). Paulo exorta os presbíteros de Éfeso “Cuidai, pois, de vós mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos constitui bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele, adquiriu com seu próprio sangue” (At 20.28).⁵⁰

Percebemos no texto de Atos 20.28 o registro do termo “rebanho”. Segundo Marshall, a palavra rebanho neste texto é uma metáfora familiar veterotestamentária para o povo de Deus (Sl 100.3; Is 40.11; Jr 13.17) que foi retomada por Jesus. Este quadro se aplica à igreja e aos líderes em João 21.15-17 e 1 Pedro 5.2. Ainda que o texto de Atos 20.28 não se utilize do termo grego *poimen*, contudo utiliza-se do

⁴⁸ ARANGO R., O. *Enviados a servir*. Manual para a plantação e desenvolvimento de igrejas. Asunción: UBLA, 2004. p. 13.

⁴⁹ STITZINGER, 1998, p. 59.

⁵⁰ CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. p. 32.

verbo correspondente *poimaínein* (para pastoreardes). Assim, de acordo com Marshall, o quadro transmite a ideia da supervisão espiritual e dos cuidados pastorais, como responsabilidades dos líderes ali presentes. Sua tarefa era pastorear a igreja, isto é, agir como pastores, referindo-se a todos os cuidados que devem ser exercidos com relação ao rebanho.⁵¹

Da mesma maneira, Stagg afirma:

[...] ainda que utilizado o vocábulo grego *episkopos* em Atos 20.28, a tradução para pastores por *ilação* é uma boa tradução. Além de serem termos tecnicamente intercambiáveis, no versículo 28, 'alimentar', ou 'cuidar', é literalmente 'pastorear'.⁵²

Na epístola aos Efésios 4.11, Paulo também faz uso do termo *poimen* para designar o dom de pastor, ali diretamente ligado ao de mestre. Segundo Stott, é possível que estes sejam dois nomes para o mesmo ministério. Para ele, talvez todo pastor deva ser um mestre, tendo o dom de ministrar a Palavra de Deus ao povo, ainda que nem todo mestre cristão seja também um pastor.⁵³

Crabtree assevera que os pastores-mestres constituem o grupo mais numeroso dos pregadores do evangelho. A função dos pastores, declara Crabtree, é cuidar das pessoas conquistadas pelas obras missionárias e evangelísticas, treinando-as para a vida cristã. De um ponto de vista, eles têm a maior responsabilidade no “*aperfeiçoamento dos santos*” e na “*edificação do corpo de Cristo*” (Ef 4.12).⁵⁴

Para Stott, o conceito neotestamentário de pastor não é o de uma pessoa que conserva a totalidade do ministério nas suas próprias mãos, tendo ciúmes dele,

⁵¹ MARSHALL, I. H. *Atos dos Apóstolos*. Introdução e Comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991. p. 311.

⁵² STAGG, F. *Atos: A luta dos cristãos por uma igreja livre e sem fronteiras*. 3. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 207

⁵³ STOTT, J. W. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. 6. Ed. São Paulo: ABU Editora, 2001; p. 117.

⁵⁴ CRABTREE, 1981, p. 49.

e que esmaga toda a iniciativa dos leigos, mas, sim, de uma pessoa que ajuda e encoraja todo o povo de Deus a descobrir, desenvolver e exercer seus dons. O ensino e o treinamento do pastor se dirigem para capacitar o povo de Deus a ser um povo que serve, ministrando ativamente, porém humildemente, em um mundo de alienação e de dor.⁵⁵

Neste ponto, está de acordo com Crabtree, que declara que “uma das grandes responsabilidades do pastor é de treinar, animar e orientar trabalhadores aptos para cooperar com ele no serviço de promover o reino de Deus no mundo”.⁵⁶

Crabtree observa que entre os termos do Novo Testamento que designam as funções do ministro do evangelho, a palavra pastor é a mais significativa, pois é usada frequentemente para abranger todas as atividades do mensageiro do evangelho. As epístolas pastorais e várias outras das Escrituras tratam das funções do pastor. O ministério de confortar ou fortalecer os membros aflitos do seu rebanho é uma das experiências mais preciosas do pastor.⁵⁷

Na concepção de Ferreira, quando o líder apascenta com amor o rebanho, lhe oferece pastos verdejantes com sermões de poder espiritual. Quando o guia e lhe dá um ambiente propício à sua vida espiritual, ele está exercendo a função de pastor.⁵⁸

⁵⁵ STOTT, 2001, p. 120.

⁵⁶ CRABTREE, 1981, p. 33.

⁵⁷ CRABTREE, 1981, p.116.

⁵⁸ FERREIRA, E. S. *A teologia da igreja: sua contextualização 2000 anos depois*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 60.

3 O MINISTÉRIO PASTORAL E O CUIDADO COM A VIDA HUMANA EM TEMPOS MODERNOS

Peterson afirma que o pastor “[...] é colocado dentro da comunidade, com a tarefa de edificá-la”.⁵⁹ Esta afirmativa é bastante significativa para ministério pastoral, quando o que foi apresentado anteriormente é visto sob a ótica da inserção e não apenas da contemplação ou conhecimento. O ministério pastoral de vanguarda tende a conseguir edificar com mais eficiência suas comunidades, pois visualizam as mudanças que ocorrem no seu cenário.⁶⁰

Fazer da religião evangélica algo que seja importante e atraente para as pessoas dentro deste contexto é, de fato, um trabalho intenso. Peterson acrescenta que:

O trabalho pastoral pega a religião pela mão e leva à vida cotidiana, apresentando-a aos amigos, vizinhos e colegas. Se deixada à própria sorte, ela será envergonhada, introvertida e individual. Ou, então, decorativa e orgulhosa como uma prima-dona. Mas ela não é pessoal nem insignificante. O pastor insiste em levá-la aonde ela tem de se misturar com a multidão.⁶¹

Essa perspectiva de Peterson é muito produtiva, quando o pastor interessa-se e deseja entender toda esta realidade que é vista nos mais diferentes setores da sociedade, pois isto acaba sendo refletido no seio das comunidades eclesiais.

3.1 A conduta ética

Diante de tantas e rápidas mudanças é preciso considerar, mais do que nunca, a questão ética. Segundo Barna, mostrar um comportamento ético será um

⁵⁹ PETERSON, E. H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003, p. 229.

⁶⁰ PETERSON, 2003, p. 229.

⁶¹ PETERSON, 2003, p.13.

impacto ainda maior do que ensinar tal matéria, pois o que as pessoas querem na realidade é uma resposta que não seja mais uma teoria. O que se deseja é um pastor que dê uma resposta adequada e que pratique esta verdade.⁶²

Hunter declara que “exercer influência sobre os outros, que é a verdadeira liderança, está disponível para todos, mas requer uma enorme doação pessoal”. O pastor é, antes de qualquer coisa, um líder e, como tal, deve desejar exercer esta influência. Esta deve ser moderada, sensata e apoiada nos princípios éticos e morais exigidos, além dos padrões bíblicos, a que os pastores devem ser submetidos para o bom exercício de suas tarefas.⁶³

Um pastor contextualizado procura visualizar tudo o que ocorre à sua volta. Ele não se exclui de suas responsabilidades perante a sociedade, antes contribui para um processo de transformação desta. Os pastores interagem não apenas com a comunidade evangélica, mas também com a comunidade não evangélica.

De acordo com as palavras de Sanders, “o caráter de um líder da igreja deve ser tal, que imponha respeito aos de fora, inspirando-lhes confiança e despertando-lhes o desejo de imitar o bem. O exemplo é muito mais poderoso do que o ensino”.⁶⁴

Na era pós-moderna, a luta por melhores espaços dentro da sociedade, por ascensão a cargos de destaque, é visto como um desafio a ser conquistado. Às vezes se impõe uma meta a ser atingida, motivada pelo simples fato da conquista. Agrava quando são utilizados artifícios enganosos. São desafios fora do contexto moral e ético e que constantemente são observados. Todavia, existem os desafios legítimos. Motivados dentro dos padrões de comportamento exemplares.

Para o ministério pastoral, o desafio é constante e necessário em face da posição de destaque que ocupa perante um grande número de pessoas. Barna

⁶² BARNA, G. A. *A rã na chaleira*. São Paulo: Abba Press, 1997. p. 78.

⁶³ HUNTER, J. C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 25.

⁶⁴ SANDERS, J. O. *Liderança espiritual*. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. p. 33.

declarou que para a comunidade cristã, a contemporaneidade é um tempo sem precedentes de desafios e oportunidades, que também são extensivos ao ministério pastoral na completa realização de sua função de modelo a ser seguido.⁶⁵

Pelo estigma de referencial ético e moral, o pastor convive com o seu desafio particular de manter o seu caráter livre de qualquer mancha. Deve ser uma conquista diária, principalmente, nos momentos em que o pastor encontra-se sozinho, ou, como declarou Hocking “[...] no escuro, quando ninguém sabe o que estamos pensando, dizendo ou fazendo”.⁶⁶

Os desafios para o ministério pastoral na pós-modernidade tornam mais conflitantes ainda quando, semanalmente, o pastor assume seu lugar diante de muitas pessoas que o aguardam ansiosamente para que ele transmita algo que venha de Deus para elas. Isto se deve ao fato de que, conforme Oliveira, “o homem que está no púlpito é visto como modelo, [...] seu poder na igreja é tão forte como o poder da mídia o é no mundo secular. O pastor pode, através dos discursos transmitidos à igreja, transformar a cosmovisão das pessoas”.⁶⁷

O ministério pastoral necessita de elevada disposição para o enfrentamento das muitas facetas da batalha em que labuta. À frente do alvo para a obtenção do caráter ilibado existem muitos obstáculos, verdadeiros testes de mudança pessoal. Para Hunter, o exposto traz o desafio para mudança de hábitos e de caráter, tanto quanto de natureza. Esses desafios requerem uma escolha e muito esforço. Diante disso, às vezes, a vida particular do ministro fica relegada ao segundo plano, pois as tarefas que lhe são requeridas não lhe permitem o cuidado necessário.⁶⁸

⁶⁵ BARNA, 1997, p.83.

⁶⁶ HOCKING, D. *As sete leis da liderança cristã*. 2. ed. São Paulo: Abba Press, 1996. p. 45.

⁶⁷ OLIVEIRA, C. P. *O poder pastoral*. Londrina: Descoberta, 2004. p. 65.

⁶⁸ HUNTER, 2004, p. 33.

Segundo Kohl, o pastor desses dias tornou-se um profissional eficiente que deve dominar as respostas, ensaiar as posturas adequadas para cada situação, planejar estratégias, administrar o tempo e os recursos. Além do mais, obriga-se a ser um agente de crescimento e de expansão da sua igreja e/ou instituição. Ele é capaz de fazer tudo de acordo com os modelos que lhe são colocados. No entanto, corre o risco de perder a sua identidade, isto é, sua vocação de ser gente.⁶⁹

Ainda que este pensamento seja pertinente nesta luta pastoral por um caráter sincero, pode-se cair no erro de apresentar estes pontos como justificativas pelo seu mau comportamento, ainda mais quando existe a ideia do determinismo que, segundo declarou Hunter, “tem dado à nossa sociedade todas as desculpas para os maus comportamentos, evitando assim assumir a responsabilidade por seus atos”.⁷⁰

3.2 O cuidado e a exposição da Palavra de Deus

Diante de tudo o que foi mencionado e diante dos desafios que encontram-se na sociedade pós-moderna, duas atividades devem permear todo o trabalho do pastor neste início de século: O cuidado e a exposição da Palavra de Deus.

Na opinião de Kohl, a palavra cuidado vem ao encontro de uma tentativa de resposta ao mundo pós-moderno. Ela tem direta relação com o imperativo teológico, missiológico e pastoral da encarnação de Jesus e da ação do Deus Pai no trato com o antigo Israel. Ao mesmo tempo, ela é encontrada em passagens emblemáticas tanto do Antigo como do Novo Testamento (Ez 34.8-16 e 1 Pe 5.1-4, e, implicitamente, em Lc 4.18,19). No conjunto de ações que registram a ação pastoral

⁶⁹ KOHL, M. W.; BARRO, A. C. *Ministério pastoral transformador*. Londrina: Descoberta, 2006, p. 57.

⁷⁰ HUNTER, 2004, p. 116.

(buscar, resgatar, tomar conta, ungir, curar, consolar), o cuidar aparece como prática que reúne todas as demais.⁷¹

Cuidar, prossegue Kohl, contém múltiplas implicações e dimensões, seja na relação médico-paciente, seja na relação pastor-ovelha, na qual um indivíduo intervém sobre a situação carente do outro com o objetivo de prover-lhe cura, recuperação, melhora, alívio. O cuidado contém dimensões médicas, terapêuticas, pastorais, espirituais. A própria palavra “salvação” no Novo Testamento equivale ao sentido de saúde. Salvar equivalia a curar, e Jesus não fez separação entre essas perspectivas.⁷²

No Antigo Testamento, o profeta Ezequiel já havia colocado tal dimensão pastoral, conforme consta em Ezequiel 34.11-12:

Eu mesmo buscarei as minhas ovelhas e delas cuidarei. Assim como o pastor busca as ovelhas dispersas quando está cuidando do rebanho, também tomarei conta de minhas ovelhas. Eu as resgatarei de todos os lugares para onde foram dispersas num dia de nuvens e de trevas.

Diante do exposto, não podemos dissociar a prática pastoral de um cuidado que visa a saúde, a salvação, a integridade e a inteireza da condição da pessoa humana. Pensar a prática pastoral na perspectiva da missão integral significa conceber que ela deve ser um projeto de humanização, baseado na relação do cuidado enquanto vocação, onde a descoberta do ser gente é recíproca tanto para o “pastoreador” como para o pastoreado.

Kohl afirma que o cuidado é uma palavra fundamental a ser recuperada na ação pastoral da pós-modernidade. Nela converge toda a preocupação de Deus para com a humanidade, toda tarefa da missão pastoral de acordo com Mateus 9.34-38 e João 21.15-19. Deus, ao amar, cuida de seu povo. A visão de Jesus para

⁷¹ KOHL; BARRO, 2006, p. 61.

⁷² KOHL; BARRO, 2006, p. 65.

com as multidões aflitas, exaustas e carentes de pastoreio equivale a dizer que elas precisavam de cuidado. Daí o apelo de orar por trabalhadores para uma seara eminentemente carente de “pastoreadores”, de apascentadores, de cuidadores. Jesus não exortou por implantadores de igrejas. Seu desejo é o de ver as suas ovelhas pastoreadas e cuidadas.⁷³

Quanto ao aspecto da salvação, apontado por Kohl, é preciso lembrar que os relacionamentos pessoais para os quais fomos criados e os quais perdemos por causa do pecado são recriados e redimidos pela salvação. Este é o ato de Deus que nos resgata das consequências de nosso pecado (servidão, fragmentação) e nos coloca em posição de vivermos relacionamentos livres, abertos e amorosos com Deus e com o próximo.

Em grande parte, o ministério pastoral trabalha com a dificuldade que todos enfrentam para permanecer conscientes da magnificência da salvação. É bem verdade que em nosso primeiro encontro com o amor salvador de Deus, talvez ele nos esmague. Contudo, com o passar do tempo, ele se torna parte conhecida da paisagem, mais um item religioso em meio a tantos outros. O vocabulário da salvação se vulgariza, se reduz ao nível de uma bela frase escrita em um cartão. Até mesmo os maneirismos dos salvos já são previsíveis. Sempre que nos associamos à grandeza por muito tempo, tendemos a nos acostumar com ela. Muitas vezes, o que antes experimentamos como tremendo na fé, no casamento, nos filhos, na carreira, na paisagem, visão e aventura que mudaram nossa alma, hoje tomamos como certo. Por vezes perdemos nosso “primeiro amor”. Preservamos sua importância designando ao evento uma data comemorativa no calendário ou descrevendo-o

⁷³ KOHL; BARRO, 2006, p. 66.

como uma categoria doutrinária. Preservamos a ortodoxia, mesmo quando a intimidade já foi embora. Peterson afirma que:

O pastor, trabalhando em meio a símbolos e artefatos de transcendência, é confrontado, tanto em seu próprio interior quanto entre os fiéis, com o impulso perigoso rumo ao local onde irá encalhar na indiferença. A oração, o aspecto mais pessoal da vida, passa a ser crivada de clichês, indicação segura de que deixou de ser pessoal. A vida devocional encolhe, ao passo que as atividades públicas e externas se intensificam (trabalho na igreja, defesa da fé, testemunho e pregação, formalismos morais) e encobrem a perda.⁷⁴

Esse é um dos muitos limites em que o pastor, principalmente em tempos modernos, vive: entre o ritual religioso e o amor pessoal, entre o institucional e o pessoal. O pastor atua diretamente com pessoas no contexto histórico e institucional, porém, visa sempre a suscitar uma participação pessoal e íntima no amor salvífico, que muitas vezes acaba ritualizado em formas de culto e nas disciplinas da instituição.

3.3 O desafio pastoral na contemporaneidade

O pastor tem a responsabilidade de insistir em que aquele evento do Êxodo, que marca a história de Israel, continue a ser um projeto para a salvação daquele que trabalha em cotas em uma indústria, para o jovem que abastece os carros, para a mulher que contrabalança diariamente fraldas e carreira, para o homem que tenta encontrar o equilíbrio entre ambição profissional e sensibilidade para com a esposa e os filhos. É preciso lembrar que o trabalho pastoral é um compromisso com o dia-a-dia; o trabalho pastoral é um ato de fé que acredita que as grandes verdades da salvação são praticáveis no universo comum, no chão da vida.⁷⁵

⁷⁴ PETERSON, 2003, p. 46.

⁷⁵ PETERSON, 2003, p. 48.

Pedro também exortou aos presbíteros da igreja a que pastoreassem o rebanho de Deus a eles confiados, cuidando dele sem constrangimentos e desejos de poder (1Pe 5.1-4). Shedd declara que Pedro estimula seus leitores, tratando dos privilégios, das responsabilidades, das qualificações e dos perigos inerentes ao ofício pastoral.⁷⁶

O autor de Hebreus, na concepção de Shedd, chama os pastores de “guias” (13.7, 17). Um pastor-guia que segue voluntariamente o exemplo de Jesus Cristo, o maior líder que o mundo já conheceu, cumpre seis regras reconhecidas como características de todo líder pastoral competente:

1. Ele se preocupa com as pessoas. Trata-as com amor e preocupa-se com elas, o que exige o conhecimento de suas vidas, necessidades e ambições. [...]
2. Os líderes pastorais competentes têm fortes convicções a desempenhar um papel como os trilhos, que mantêm firme um trem, guiando-o e dirigindo-o a um destino predeterminado. Jesus veio buscar e salvar o rebanho perdido deste mundo. [...]
3. Um líder pastoral competente recruta pessoas para participarem do processo de atingir a causa que ele escolheu apoiar. Jesus convenceu os homens que chamou a juntar-se a ele na construção de sua igreja (Mt 16.18) e de que o reino valia mais do que qualquer tesouro poderia custar para alcançá-lo (Mt 6.33; 13.44-46; 16.24-27; Jo 12.25). [...]
4. Um líder pastoral competente desafia seus seguidores a fazerem o melhor possível. Jesus elogiava com sinceridade seus discípulos, muito embora tenha demonstrado insatisfação com os passos vacilantes e os erros deles. [...]
5. Um líder pastoral competente deve conhecer o segredo de treinar seus seguidores a fazer o que ele faz. Quando Jesus convidou Pedro, André, Tiago e João a segui-lo, predisse especificamente que os tornaria “pescadores de homens”. [...]
6. Um líder pastoral competente sabe quando e como lançar um seguidor, cortando o cordão umbilical e obrigando-o a liderar. Jesus não pretendia ficar na terra e, assim, manter seus apóstolos na posição de subordinados, que recebiam tomar decisões ou agir até que o Chefe desse as ordens.⁷⁷

São muitas as exigências aos pastores desde as Escrituras, muito mais em uma sociedade pós-moderna. Mas sempre teve a exigência de cuidado. Para Kohl, os sentidos propostos pela palavra “cuidado” ajudam a repensar a prática pastoral na atual sociedade, segundo ele:

⁷⁶ SHEDD, R. P. *Nos passos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 83.

⁷⁷ SHEDD, 1993, p. 85.

1. Cuidar é ajudar a pessoa a tornar-se gente, humana [...]. O cuidado é parte do projeto de humanização das relações [...]. 2. Cuidar dispensa a relação de poder. O cuidador é igual ao que recebe o cuidado. O pastoreador também deve ser um pastoreado [...]. 3. Cuidar da pessoa é tratar de um ser humano, gente, com vida, história e singularidades. Não é um número, uma coisa, um membro a mais a ser garantido nas estatísticas do crescimento de sua agremiação religiosa.⁷⁸

Essas noções, prossegue Kohl, “[...] afetam as formas e os modelos que estamos acostumados a ver e a agir”.⁷⁹ Quando consideramos que o(a) pastor(a) deve ser ao mesmo tempo administrador, estrategista, articulador, gerente, estamos atribuindo funções e tarefas que não fazem parte da vocação principal. Isto atinge a própria estrutura que sustenta os modelos de Igreja oriundos dos modelos denominacionalistas.

Hoje, mais do que nunca, é preciso tomar o modelo de Jesus para a missão pastoral. O paradigma da encarnação ilumina o sentido do cuidar como vocação pastoral. O cuidado é o conteúdo pastoral da encarnação.⁸⁰

Precisamos destacar os compromissos do pastor. Em primeiro lugar o compromisso do pastor é com Deus (At 20.19). O seu relacionamento com Deus precede o seu trabalho para Deus. O primeiro chamado do pastor é para andar com Deus e, com resultado dessa caminhada, ele deve fazer a obra de Deus.

Da mesma forma, o pastor tem o compromisso de cuidar de si mesmo (At 20.18,28a). A vida do pastor é a vida do seu pastorado. Existem muitos obreiros cansados da obra e na obra, porque procuram cuidar dos outros sem cuidar de si mesmos. Antes de pastorear os outros, o pastor precisa pastorear a si mesmo.

Em terceiro lugar, o pastor deve ter compromisso com a Palavra de Deus (At 20.20-27). Ele precisa anunciar todo o conselho de Deus. O pastor precisa pregar só

⁷⁸ KOHL; BARRO, 2006, p. 67.

⁷⁹ KOHL; BARRO, 2006, p. 67.

⁸⁰ KOHL; BARRO, 2006, p. 68.

a Bíblia e toda a Bíblia. Ele não pode aproximar-se das Escrituras com seletividade. Ele não pode pregar suas próprias ideias, mas expor a Palavra de Deus.

Em seguida, o pastor precisa ter compromisso com o ministério (At 20.24). Ele recebeu o ministério do Senhor Jesus. O pastor não se lança no ministério por conta própria. Ele foi chamado, vocacionado e separado para esse trabalho. É, pois, o senso de vocação que dá ao pastor forças nas horas difíceis, em tempos tenebrosos, em circunstâncias adversas.

O pastor também tem compromisso com a igreja (At 20.28-32). Ele deve cuidar de todo o rebanho, e não apenas das ovelhas dóceis. O pastor precisa lembrar-se de que a igreja é de Deus. O pastorado não deve ser imposto, o pastor não deve agir com truculência, ele não é um ditador, um explorador, mas servo do rebanho.

Em último lugar, não em importância, o pastor deve ter compromisso com a afetividade (At 20.36-38). Aqui voltamos à questão do cuidado. O amor precisa ser verbalizado e demonstrado. As emoções precisam refletir o amor. A mídia empapuçada de violência parece minar as emoções. Há muitos pastores que não conseguem expressar seus sentimentos nem verbalizar seu amor pelas ovelhas. Os pastores precisam aprender a declarar o amor pelas pessoas. Precisam aprender a valorizar as pessoas enquanto elas estão juntas, demonstrar o apreço por elas enquanto elas podem ouvir a sua voz. É preciso compreender a força terapêutica da afetividade. O amor é o elo de perfeição que une as pessoas.⁸¹

A partir do texto de Ezequiel 34, por fim, podemos tirar algumas lições para o ministério pastoral nos dias de hoje. É preciso que o pastor não apascente a si mesmo, mas o povo de Deus (v. 2, 8); seu propósito é servir e abençoar ao rebanho;

⁸¹ LOPES, 2008, p. 119-134.

alimento e abrigo são resultados naturais do trabalho pastoral diligente (v.3); o trabalho pastoral consiste em fortalecer a ovelha fraca, curar a enferma, buscar a perdida, e ser exemplo e guia para todas. É inaceitável que o pastor se esqueça desses deveres e julgue-se dono do rebanho de Deus (v.4); o pastor é responsável pelas ovelhas que se espalham, se perdem e se tornam presas fáceis para as feras devoradoras (v.5); há uma necessidade de se lembrar que Deus vê suas ovelhas e deplora o estado das que estão desgarradas, abandonadas pelos pastores que delas deviam cuidar (v.6); Deus chama os pastores à responsabilidade e promete pôr fim a seu pastoreio (v.9, 10); Deus mesmo promete buscar e resgatar suas ovelhas (v.11ss) e constitui o modelo do verdadeiro pastor. Jesus faz o que o profeta anuncia.⁸²

⁸² AZEVEDO, 2004, p. 132-133.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ministério pastoral, como a grande maioria das atividades, sofreu algumas modificações desde a sua instituição até os tempos pós-modernos. Na verdade, as relações humanas sofreram mudanças, acompanhando as transformações da sociedade em geral.

Isto não significa, no entanto, que se desviou (ou que se deva, ainda, desviar) das orientações e dos ensinamentos bíblicos. Os contextos são modificados e as culturas vão se transformando por diversas razões. Na contemporaneidade, com as tecnologias da informação, as culturas rompem fronteiras e se está diante de uma formação de uma sociedade que convive com o multiculturalismo.

Com este trabalho tivemos o intuito de apresentar e entender como, por intermédio de algumas figuras, o ministério pastoral tentou preservar suas características bíblicas, mesmo que tenha sido contextualizado em cada época. Ao realizar uma leitura das Sagradas Escrituras, encontramos figuras que servem para ressaltar uma característica ou outra que se fazem necessárias para um bom exercício do ofício pastoral.

A partir de então, procuramos mostrar como essa figura foi tratada ao longo do Antigo Testamento e como ela chegou aos tempos do Novo Testamento.

No Antigo Testamento pudemos constatar que a metáfora do pastor é utilizada com abundância em todos os seus blocos – Livros Históricos, Livros Proféticos e Livros Poéticos. Em o Novo Testamento, encontramos a principal figura do ministério pastoral, qual seja, a figura de Jesus, como pastor e líder.

A partir do modelo de Jesus, tivemos a oportunidade de repensar as principais atribuições do pastor, recaindo o papel de liderança como um dos principais.

Por último, conseguimos compreender que, dentre as inúmeras atribuições que competem à figura do pastor, o principal desafio para o pastor da pós-modernidade, situa-se no âmbito do cuidado com a vida humana, sendo este uma extensão do cuidado do próprio Deus.

Contudo, no decorrer da história bíblica, o pastor de ovelhas ganhou destaque nas narrativas bíblicas, quando o tema é o cuidado e liderança de Deus. O Salmo 23 é um exemplo dessas narrativas. Sua representatividade quanto à compreensão do ser humano acerca dos cuidados de Deus o transformou num lugar comum de refúgio para a alma.

O texto é cheio de candura e conquistou o amor e respeito de muitos leitores. O Senhor é o meu pastor, e nada me faltará! É a melhor forma de dizer que em Deus temos tudo e que não mais precisaremos de coisa alguma. O Salmo 23 nos devolve a um estado infantil e de dependência.

Se por um lado temos o pastor, provedor e cuidadoso, do outro temos a ovelha, feliz pelos cuidados que lhe são destinados, ela não tem medo, e habitará em sua casa. O pastor tem grande afeto pelo seu rebanho, e a ovelha quer estar sob sua condução.

É através de uma relação virtuosa que este vínculo é estabelecido e alcança seu maior status. O que nasce no simbólico desta relação é um verdadeiro exemplo de como devemos nos portar e acima de tudo, de como a liderança cristã deve se orientar no trato dos homens e mulheres que buscam em Jesus este referencial. Paraphrasing Boff, A figura do pastor permaneceu no imaginário coletivo fortemente idealizada, por causa das virtudes que caracterizam todo pastor. Essas virtudes do pastor são encontradas em Deus, quando nos entregamos a Ele. Antes

de mais nada o pastor conduz as ovelhas e o rebanho. Como diz o Evangelista João: “Ele vai na frente e elas o seguem porque lhe conhecem a voz”.⁸³

A expectativa é que esse trabalho leve as novas gerações a repensarem as figuras e modelos de ministério pastoral que foram deixados como exemplos depois de alguns séculos de existência. Através dessa reflexão, procuramos buscar um resgate de modelos que se aproximem daqueles estabelecidos nas Escrituras, sem, no entanto, deixar de considerar a contextualização que tanto se faz necessária, principalmente na sociedade pós-moderna onde se deve atuar.

Que todas as pessoas que estão à frente de rebanhos que aderiram à fé em Jesus possam legitimar seus ministérios a partir do testemunho maior do Cristo, o amor. Seu alvo é o rebanho. Os caminhos a serem protegidos e os pastos a serem cuidados têm por objetivo prover as ovelhas com aquilo que elas necessitam.

⁸³ BOFF, L. *O senhor é meu pastor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 44.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, H. E. *O evangelho segundo João*. São Paulo: Casa Brasileira da Bíblia, 1957.

ARANGO R., O. *Enviados a servir*: manual para a plantação e desenvolvimento de igrejas. Asunción: UBLA, 2004.

AZEVEDO, I. P. *Imagens Bíblicas do Ministério Pastoral*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

BARNA, G. A. *A rã na chaleira*. São Paulo: Abba Press, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA. *Bíblia de Estudo Plenitude*. RC. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BOFF, L. *O senhor é meu pastor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOSETTI, E. *A tenda e o bastão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

FERREIRA, E. S. *A teologia da igreja: sua contextualização 2000 anos depois*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

HEBERSHON, A. *Manual de Tipologia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

HOCKING, D. *As sete leis da liderança cristã*. 2. Ed. São Paulo: Abba Press, 1996.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão Digital 1.0.7, Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUNTER, J. C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

KOHL, M. W.; BARRO, A. C. *Ministério pastoral transformador*. Londrina: Descoberta, 2006.

LOPES, Hernandes Dias. *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor Segundo o coração de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACARTHUR JR., JOHN et al. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

MARSHALL, I. H. *Atos dos Apóstolos*. Introdução e Comentário. 4ª. Reimp. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

OLIVEIRA, C. P. *O poder pastoral*. Londrina: Descoberta, 2004.

PEARLMAN, M. *João, o Evangelho do Filho de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

PETERSON, E. H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003.

RIENECKER, Fritz. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SANDERS, J. O. *Liderança espiritual*. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

SCHÖKEL, L. A. CECÍLIA, C. *Salmos I: salmos 1-72*. São Paulo: Paulus, 1996.

SHEDD, R. P. *Nos passos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SILVA, Cássio da Silva Dias. *Leia a Bíblia como Literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

STAGG, F. *Atos: A luta dos cristãos por uma igreja livre e sem fronteiras*. 3. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

STITZINGER, James F. O ministério pastoral na história. In: MACARTHUR JR., John. *Ministério pastoral: Alcançando a excelência no ministério cristão*. 4ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

STOTT, J. W. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. 6. Ed. São Paulo: ABU Editora, 2001.